

Volta a greve dez anos depois

Desde 68 os trabalhadores estavam emudecidos - mais de 50 mil pararam no ABC, exigindo aumento. Pág. 2

A SAÚDE PÚBLICA NÃO TEM REMÉDIO



O frio, o desconforto e até a humilhação por uma consulta

Como viver com saúde ganhando salários tão baixos? — Falta de esgotos, água encanada e outros benefícios também prejudicam a saúde — INPS e Convênios não chegam para atender a todos — Saúde melhor só com melhores condições de vida — (Página 3).

O REPÓRTER
de GUARULHOS
O jornal da cidade

ANO II N° 5 — Junho de 1978

Preço: Cr\$ 2,00

A cidade símbolo ainda abandonada



Favela e bairros abandonados estão nas págs. 4 e 5

“Um dia na vida de um brasileiro”

Levantar cedo, filas, trabalho, filas, jantar, tel visão, dormir e trabalho novamente. Esta rotina é vista e discutida (pág. 7).

Prejudicado por exame médico

Trabalhava 12 horas por dia com tintas e gases. Resultado: adoeceu. Procurou médico e foi taxado como louco. Não entendeu. Hoje está encostado na Caixa, ganhando metade do salário. (Leia na pág. 6).

Salário não aumentou

Quem ganha salário mínimo começou a receber o aumento. Mas, que aumento? O salário, hoje, vale menos que trinta anos atrás. Salário mínimo deveria ser de 10 mil cruzeiros. (Leia na pág. 2).



O futebol anima os domingos da população dos bairros.

Desse jeito a várzea acaba

Sem qualquer apoio, o futebol vai perdendo seus campos e não tem mais onde ser jogado. Pág. 8

Está faltando um zero no salário mínimo

Os trabalhadores que vivem de salário mínimo estão recebendo neste mês o aumento decretado no último dia 1º de maio. O salário que era de Cr\$ 1.106,40 passou para Cr\$ 1.560,00. Mas, será que realmente houve aumento? Se formos analisar a política salarial desde o ano de 1940 quando o salário mínimo foi instituído, veremos que o trabalhador nada ganhou, só perdeu.

Segundo um estudo feito pelo DIEESE — Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos — o salário mínimo não manteve o poder de compra que tinha em 1940 e foi ficando cada vez mais longe do valor da produção interna nacional, ou seja, do PIB, Produto Interno Bruto. Para se ter uma ideia de quanto o trabalhador vem perdendo desde o ano em que foi criado o salário mínimo, bastaria citar só um dado: de 1940 até agora, o custo de vida em São Paulo subiu mais de mil por cento, enquanto o salário subiu apenas quinhentos por cento.

Para que o salário mínimo recuperasse o poder de compra que tinha em 1940 seria necessário um aumento de 117,06 por cento e

não apenas de 41 por cento como foi decretado pelo governo no dia 1º de maio. Se esse aumento maior tivesse sido aprovado o salário seria então de Cr\$ 2.401,53, mas isso não quer dizer que seria o suficiente para o trabalhador viver decentemente. Isso significa tão somente a recuperação do poder de compra do salário mínimo em julho de 1940.

DEZ MIL DE SALÁRIO

Mas, depois de todos esses cálculos fica mais uma pergunta: será que trinta anos atrás o trabalhador vivia bem? Todos nós sabemos que não. Então, só repor o poder de compra pouco ia adiantar. O correto seria calcular o salário mínimo na base do crescimento do PIB que nada mais é do que a soma de todas as riquezas criadas pelos trabalhadores em todos os setores da economia: indústria, agricultura, comércio e setor de serviços. Portanto, se o salário acompanhasse o aumento do custo de vida e incorporasse a taxa de crescimento do PIB, o seu valor, hoje, deveria ser de Cr\$ 10.051,12 (dez mil cruzeiros, sim senhor) — Você que agora tá ganhando mil e quinhentos cruzeiros, será que realmente teve aumento?

Muita falação, mas e o ônibus, cadê?

Técnicos da EEMPLASA e representantes da Empresa de Ônibus Guarulhos e da Prefeitura reuniram-se com representantes de Sociedades Amigos de Bairros dia 7 de maio, para discutir a calamitosa situação do transporte coletivo na cidade.

A maior queixa da população guarulhense, representada nessa reunião promovida pelo Conselho Comunitário das Sociedades Amigos de Bairros, foi a falta de ônibus que sirvam Guarulhos. Outra, consequência é a carência de ônibus, é que o guarulhense, por não existirem linhas ligando os bairros é obri-

gado a pagar por volta de 5 cruzeiros, nas linhas intermunicipais, para se deslocar dentro da cidade.

A EDG alegou que falta ônibus porque a maioria das ruas não é asfaltada. Como se não passassem ônibus em rua de terra! A solução é quebrar o virtual monopólio que essa empresa exerce sobre o transporte coletivo. Enquanto a Prefeitura não der novas concessões para outras empresas se instalarem aqui, a EDG continuará tendo lucros — ainda mais agora que a Prefeitura diminuiu os impostos das empresas de ônibus — e não irá melhorar seus péssimos serviços.



A entrada e a saída do trabalho, normal. Mas nas fábricas os operários permaneciam de braços cruzados.

A greve no ABC

Maio foi o mês do trabalhador. Jamais, nos últimos dez anos, desde as greves de Contagem e Osasco, em 1968, se falou tanto sobre o operário. Empresários, ministros, generais, imprensa. Assim que os operários da Saab-Scania deflagraram o movimento grevista pelo aumento de 20 por cento, em meados do mês passado, as preocupações do País se concentraram no trabalhador, a maior vítima da política econômica do Governo.

No começo, as autoridades e os patrões chegaram a elogiar a ordem do movimento no ABC e consideraram justas as reivindicações dos operários. Porém, como a greve começou a se espalhar, foi declarada ilegal pelo TRT. O ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, ameaçou os trabalhadores com a legislação atual, que, na prática proíbe a greve. E o ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, avisou as empresas que não poderiam repassar para o preço final de seus produtos os aumentos que viessem a conceder — o que era uma pressão sobre as empresas que se mostravam dispostas a atender às reivindicações dos operários.

Impossibilitado, por uma série de razões, de apelar para a violência a fim de conter a mobilização dos trabalhadores — como fizera em 1968 — o governo tentava com essas pressões quebrar a união dos trabalhadores, impedi-los de se organizarem independentemente para lutarem por seus direitos. Para o regime sob o qual vivemos desde 1964, regime anti-operário desde seu nasci-

mento, o maior pavor é ver o trabalhador unido e organizado lutando por uma justa compensação para toda a riqueza que o trabalhador cria, sem poder tirar proveito dela.

Mas as pressões de nada adiantaram. O movimento grevista chegou a paralisar 40 mil operários de mais de 20 firmas do ABC e, na última semana de maio, já começava a se alastrar por São Paulo. A maioria das empresas atingidas pelas greves e paralisações concordou, senão em conceder os aumentos exigidos, pelo menos em negociar, em ouvir seus operários coisa que há muito tempo tinham perdido o hábito de fazer, pensando que o trabalhador não seria capaz de ser independente e de desafiar as leis trabalhistas — que não concedem aos operários seus mínimos direitos, como o de greve — e as leis de exceção — que permitem ao Governo mandar quem quiser para a cadeia, sob a acusação de subversão.

Os grevistas não ganharam muito em termos econômicos. Não chegaram a conseguir os 20 por cento de aumento, sem desconto no reajuste anual, que era a reivindicação geral dos 40 mil operários que entraram em greve no ABC. Contudo tiveram vitórias significativas que são, talvez, mais importantes do que o problema imediato do salário.

A primeira foi lançar a base para a sempre falada mas nunca praticada negociação direta entre patrões e empregados. Com sua determinação, os trabalhadores obrigaram os empregadores a

negociarem com eles diretamente. Em segundo lugar, mostraram a força que o operário possui, que sem ele o País não anda, não vai pra frente. Em terceiro lugar, mostraram que a legislação trabalhista é ilegítima, pois não atende aos interesses e necessidades da maioria, e sim garante os privilégios da minoria.

Entretanto, o processo desencadeado com a greve no ABC ainda não acabou. É difícil prever o que vai acontecer de agora em diante. Os trabalhadores marcaram um tento, mas é certeza que o adversário vai reagir de alguma forma. Sufocar ainda mais o operário já não parece possível. De alguma forma, o Governo terá de absorver o golpe que a greve representou para a política antipopular que vem há 14 anos.

O REPÓRTER de Guarulhos

Editora
Cabuçu Ltda.

Redação
r. Luiz Faccini
597, s/32

Diretor Responsável
Névio Roberto
Gomes

MTPS 9854
SJPEP 4143

Impressão e
Composição
Diários Associados
r. 7 de Abril, 230
São Paulo

E a saúde, como vai?

«Saúde Pública é uma reunião de fatores que, combinados, permitem à população a manutenção de alimentação, habitação e higiene adequadas e de um ritmo de trabalho que não exija um gasto de energia muito grande, além de condições gerais que resultem num estado de estabilidade física e emocional indispensável à sobrevivência com saúde».

Essa definição é da Organização Mundial de Saúde e, afortunadamente, é fácil perceber como estamos longe de ser um povo saudável. O atendimento médico-hospitalar em todo o país é muito deficiente, mas criar novos hospitais ou aumentar a capacidade dos já existentes de pouco ia adiantar. É preciso melhorar o atendimento, mas não se pode falar em melhoria da saúde sem considerar a luta por melhores condições de vida.

É preciso lembrar que a maior parte das casas de Guarulhos não é servida pela rede de esgotos. As casas também não têm água encanada. A água é tirada de poços quase



Depois da fila, a longa espera por 8 minutos de consulta.

sempre contaminados pela proximidade com as fossas negras. E, como se não bastasse isso, ainda há a alimentação deficiente, o número de horas gasto com condução e a falta de lazer e esportes. As doenças infecto-contagiosas e as parasitárias estão diretamente relacionadas com a desnutrição e o desgaste sofrido

com a condução contribui para o aparecimento de doenças nervosas.

E não são só as doenças. Existem também os acidentes de trabalho que, quando não matam aleijam. Acidentes de trabalho que são provocados pela falta de segurança nas fábricas ou pela jornada de trabalho,

pois há trabalhador que ainda é obrigado a enfrentar dez ou doze horas de trabalho por dia. E para atender aos trabalhadores existem basicamente duas instituições: o INPS e os Convênios Médicos que as empresas vem assinando com firmas que prestam esse tipo de serviço. E isso adianta? Não. A saúde vai mal.

Esperou na fila do INPS, nem viu a cara do médico

«É sempre assim, essa fila enorme que a gente tem que enfrentar. É tão difícil conseguir consulta, que nem quando chove o povo arreda o pé da fila». Quem reclama desse jeito é Dona Maria de Lurdes, que espera, na fila, ser atendida no Posto Médico do INAMPS antigo INPS de Guarulhos. Ela chegou às 5 horas da manhã, para ver se consegue fazer uma consulta. Isso é comum no Posto do INPS, onde a movimentação começa cedo todos os dias. Os garotos, que ali fazem ponto para vender biscoitos, dizem que quando não está muito frio, as pessoas chegam lá pelas 3 da manhã. O motivo é que o INAMPS antigo INPS oferece poucas consultas diárias e só quem chega bem cedo é atendido.

Às 6 horas, quando o prédio é aberto, a fila já é tão grande que dobra, a esquina e se estende por todo o outro quarteirão. «Mas o pior que pode acontecer — diz Dona Maria de Lurdes — é quando depois de enfrentar toda essa fila, a gente tem que voltar para trás por falta de médico. Tanto que a gente tem que vir duas ou três vezes até ser atendida». Aliás, geralmente, entre 7 e 8 horas, as consultas já estão esgotadas.

FALTA MÉDICO

Seu Antonio, que também está na fila, diz que quando o segurado quer ser examinado por um determinado médico, que já o atendeu antes e mandou fazer algum exame, então é mais difícil ainda. «Aí é preciso chegar cedo mesmo».

Outras consultas difíceis de conseguir são com o oculista, com o ginecologista e com o clínico geral.

Mas o pior problema é com o clínico geral, pois o que sempre acontece é que na hora H, a pessoa é atendida pelos funcionários que perguntam: «Com que médico você quer se consultar». E como, em geral, a pessoa não sabe, os funcionários dizem: «Deve ser com o clínico geral. Volta amanhã que hoje não tem mais vaga».

Porém, para os que tiveram a sorte de conseguir uma consulta, a espera continua. Pois as consultas do dia são separadas em três turnos: o primeiro das 7 às 11 horas, o segundo das 11 às 15, e o terceiro das 15 às 19. Como a maioria das pessoas mora nos bairros, fica difícil ir embora para voltar na hora da consulta.

MAU ATENDIMENTO

Além disso, as consultas não são marcadas num horário fixo. As pessoas que, por exemplo, vão ser atendidas pelo médico que trabalha das 11 às 15 horas, têm que estar na sala de espera, todas, às 11 h. Dona Aurora, moradora do Gopóvã, enfrenta a fila para marcar consulta para o marido, que está doente e não pode ficar esperando, de pé, na fila. Então, ela marca a consulta e depois vai buscar o marido, que daí só tem que esperar o tempo de ser chamado pelo médico.

Após toda essa espera, nem sempre o atendimento médico é bom. A maior parte dos pacientes acha que dá apenas para quebrar o galho. E isso já é alguma coisa, pois cada médico tem que fazer trinta consultas em apenas 4 horas, o que significa que cada consulta tem mais ou menos 8 minutos.

Precisou de médico, foi despedido pela empresa

«Os convênios médicos foram criados só pra dar lucro e, por isso, ao invés de ajudar, prejudicam o trabalhador». Essa denúncia foi feita pela primeira vez há sete anos, num Congresso sobre Previdência Social que reuniu 74 federações e sindicatos de trabalhadores. Uma situação tão escabrosa que até pelego foi obrigado a denunciar. E, depois desta vieram muitas outras denúncias, todas muito graves, sobre o funcionamento dos convênios entre as firmas e as empresas de prestações de serviço médico-hospitalar. Mas nada foi feito até agora.

Ao criar esse sistema de serviço médico, o governo dizia que o principal objetivo era «desafogar o serviço do INPS», que não dava e ainda não dá conta de atender todas as pessoas que o procuram. Mas, a verdade sobre os convênios é outra: eles foram criados para servir às grandes indústrias e também para expandir um negócio muito rentoso que é o comércio da saúde.

COMO FUNCIONA

É o INPS quem aprova o convênio, mas a escolha da firma médica que vai prestar os serviços é feita pela empresa contratante. A empresa escolhe um grupo médico e o INPS vai lá, faz uma inspeção, e pode aprovar ou não. Se não aprovar, a empresa aponta um segundo ou terceiro, e assim por diante até que o INPS aprove. Além de mais, a empresa que contrata os serviços da firma médica pode romper o convênio no momento que quiser. Diante disso é fácil perceber a quem os médicos vão agradecer: aos

donos da indústria e não aos empregados que os procuram para tratar da saúde.

As indústrias que assinam esse tipo de convênio deixam de pagar ao INPS os 8 por cento do valor dos salários, passando a pagar apenas 3 por cento. Os 5 por cento restantes são pagos às firmas médicas que prestam o serviço. Com isso, esses grupos médicos acabam tendo lucros fabulosos e, há algum tempo, já têm suas ações negociadas na Bolsa de Valores e estão diversificando suas atividades. Muitas delas participa, de projetos de extração de minérios e compraram grandes fazendas em diversos estados do Brasil.

DOENTE NÃO ENTRA

É fácil perceber porque essas firmas têm grandes lucros: elas procuram atender só os empregados com boa saúde. Na medida em que todo o serviço de assistência médica fica em suas mãos, inclusive os exames que o trabalhador faz antes de ser admitido numa empresa, elas passam a selecionar só aqueles que não apresentam problemas graves. Além disso, se depois de admitido o empregado pegar uma doença que tenha um tratamento demorado e custoso, o convênio médico acaba denunciando esse empregado para o Serviço Social da Empresa e ele é demitido. Muitos trabalhadores são assim demitidos sem saber porque. Eles só vão ficar sabendo às vezes, meses depois quando a doença aparece, quando estão atirados a canto qualquer ou num leito do INPS, transferindo para esse Instituto obrigações que eram do convênio.

Guarulhos sem água, sem luz, sem esgoto e asfalto

Nesta cidade é preciso



Esgoto só pra gente importante.



Um retrato das ruas do J. São Domingos e seus eternos buracos.

J. Santo Eduardo

Só funcionário precisa esgoto?

Para se ter água e esgoto, no Jardim Eduardo, é preciso morar perto de gente importante. É a conclusão dos moradores do local que reclamam da falta de iluminação, água e de esgoto que lá está a céu aberto há muito tempo, sendo motivo de vários abaixo-assinados, que não foram atendidos.

Entretanto, uma funcionária da Prefeitura conseguiu que o esgoto fosse até sua casa, (canalizando, naturalmente), e cerca de 10 vizinhos foram beneficiados. E os outros 90 moradores da rua, como é que ficam? E o resto do bairro não merece?

Jardim Testai

Perder ônibus abaixa salário

Condução no Jardim Testai, tá difícil pra chuchu. O pessoal tem que esperar às vezes 3 horas para conseguir tomar um ônibus. O Metrô ue tem maior número de ônibus vem lotado demais e fica difícil descer no centro. O Cocainha, que é mais barato, só tem 2 carros na linha e é um golpe de sorte conseguir tomá-lo depois das 5 horas da manhã, no Jardim Testai. As 2.000 moradores do bairro sofrem bastante com a situação e dizem «que o negócio não tá dando mesmo». Chegar atrasado ao serviço representa perder dinheiro do salário curto que recebem. E pedem que sejam colocados mais ônibus à disposição do Jardim Testai.

J. São Domingos

Muito problema e promessas

Uma das promessas que já em 1976 os políticos fizeram aos moradores do Jardim São Domingos foi que nas eleições todos iriam votar de ônibus. Mas, não só foram votar a pé como até hoje todos continuam gastando sola nos dois quilômetros que separam o bairro do fim da linha do ônibus Praça 8 de Dezembro. Houve porém outras promessas mais recentes, como a do vereador Paulo Roberto e da vereadora Luzarina que as segurou a extensão da linha até o 1º de Maio passado. E assim vai uma longa relação. A única coisa que não vai é o ônibus. E ele faz muita falta, principalmente à noite, onde uma longa procissão de moradores tal o longo trajeto no escuro. Ninguém mais quer promessas. É hora de cumprí-las.

Outra promessa repetida é a arrumação das ruas intransitáveis. Na foto acima vê-se um pequeno exemplo dos buracos que tornam as ruas se in saída. Na própria entrada do bairro os carros e caminhões têm que transitar entre um poste e um barranco porque uma valeta ameaçadora tomou conta da rua. Esta entrada já fez um motorista chorar e arrancar os cabelos de raiva quando seu caminhão encalhou e rasgou a lona nova na luta para entrar no Jardim São Domingos.

Porém há outros problemas que trocam dura a existência dos quase 4.000 habitantes do Jardim. Para arranjar um poço com água tem que cavar quase até o Japão. O preço de um poço é aproximadamente nove mil cruzeiros. Não é difícil a Prefeitura reduzir o problema. A rede de água passa a cerca de dois quilômetros. Custaria muito pouco trazer pelo menos algumas torneiras para o bairro. Principalmente quando se

sabe que os moradores pagam imposto ao município.

E a Light também não deixa de ter a sua vez nos problemas do bairro. Parece que a peste das promessas se alastrou. Metade do bairro ainda está sem luz e onde há iluminação a voltagem é muito baixa. Em resposta a um abaixo-assinado a Light se comprometeu a colocar em transformador. Cadê o transformador, senhores da Light? Estamos esperando.

J. Pres. Dutra

Dia que chove ônibus some

O mês de maio está sendo um mês de azar para os moradores do Jardim Presidente Dutra. A bruxa se chama Empresa de Ônibus Danúbio Azul. Três vezes no mês o ônibus enguiçou no horário mais nobre: às 6 horas da manhã. Muitos trabalhadores perderam o serviço. O mais inte-

ressante é que num desses dias o ônibus saiu da garagem, andou até a Dutra e fim. O motorista constatou falta de óleo. Toca fazer baldeação e pegar condução lotadíssima.

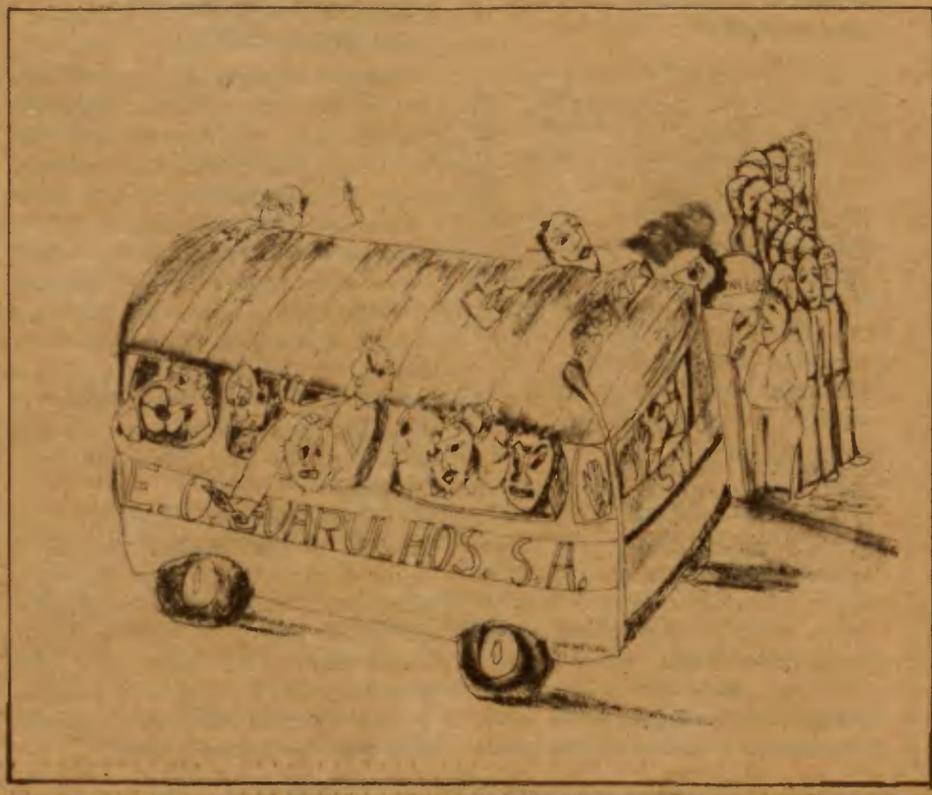
Afora estas tragédias cada vez mais constantes, o drama da condução é diária. Os veículos devem circular de meia em meia hora. Mas às vezes os moradores ficam plantados uma hora no ponto. Pior é dia de chuva, em que os ônibus somem. Além disso, a Danúbio Azul faz linha direto a São Paulo, pela Dutra, quando a maioria trabalha em Guarulhos. É claro que o pé dois tem que funcionar de novo em grandes distâncias.

Quando o Jardim foi loteado prometeu-se que ele seria uma maravilha. E de fato foi, para quem vendeu os terrenos. Não para seus habitantes, que exigem providências. Uma delas, estender até a rua 70 do Jardim Presidente Dutra, a linha de ônibus que leva até o Parque São Luiz, circulando o campo de futebol que lá existe. Outra reivindicação, ligada à anterior, é a de uma linha que passe pelo centro da cidade.

V. Monteiro Lobato

J. Flor do Campo pede ruas e luz

Na vila Monteiro Lobato, o Jardim Flor do Campo só é perfumado no nome: as águas paradas, nas ruas, provocam um mau-cheiro insuportável. Na época das chuvas, transitar pelas ruas é quase impossível. Aliás, as ruas estão praticamente transformadas em valetas. Outra coisa, tem que se andar nas «valetas», no escuro, pois não há iluminação. Os moradores estão reclamando, com razão. Dizem que não é possível continuar assim. Ninguém tem nariz de ferro, nem é vagalume.



Uma tragédia que se prolonga por tempo demais

saber o que não falta!

Vila Flórida

Um projeto para sair da favela

Cerca de 200 pessoas se reuniram no início do ano na Favela de Vila Flórida para discutir um plano de construção de casa própria com os recursos de seus moradores. Da Prefeitura os moradores esperavam uma colaboração, mas não estavam pedindo nada de presente.

Esta favela, que tem uns 10 anos de existência, vai da Vila Fátima até a Cocaia; seguindo sempre o córrego que passa por estes e outros bairros. Sua população, cerca de mil famílias, é tão trabalhadora quanto a população de outros bairros. Não vive na favela porque gosta, mas porque precisa com os baixos salários e o alto preço de terrenos e moradias. Esta favela é uma das 50 que existem em Guarulhos, sempre ameaçadas de súbita destruição pela Prefeitura para darem lugar a avenidas. Ninguém aí vive tranquilo, porque quem garante que não serão despejados no mês seguinte?

Por isso mesmo é que alguns moradores, principalmente o sr. José Rocha, apresentaram um plano de compra de terreno e construção de casas. Seus próprios autores reconhecem que não é um plano acabado, e sim uma idéia para ser aperfeiçoada. Em resumo, o projeto consiste em reunir no início umas 100 famílias, que depositariam cerca de 500 cruzeiros por mês a fim de criar um fundo para comprar os materiais de construção. O papel da Prefeitura no caso seria dar o auxílio para arranjar a quadra de terra (seja comprando, seja cedendo, seja servindo como endossante). Depois de feitas as casas pelos próprios moradores em mutirão, eles passariam a pagar as prestações do terrenos. E o plano reiniciaria para outras famílias. Os moradores se comprometeriam a ir deixando livre o espaço desocupado na favela para a futura construção da avenida.

Este projeto foi apresentado a alguns vereadores (Alan, Luzanira, prof. Moreno) que o acharam bom. Só que alegaram que a Prefeitura não tem recursos para isso. Também o sr. Alvim, da Prefeitura, tomou conhecimento do plano e argumentou falta de verba. Mas quais são os planos da Prefeitura para as favelas?

A Prefeitura, pelos seus planos, parece realmente não estar interessada numa solução que leve em conta as necessidades e a situação dos milhares de favelados, pois divide seus planos em dois tipos: o plano para os que já tem terreno e o plano para os que querem abandonar a favela. Para os que têm terreno a

Prefeitura oferece gratuitamente a planta da casa. Para os que têm terreno e material, ela entra com a mão-de-obra. O único detalhe que torna irrealizável este plano é justamente o fato de os favelados não terem terreno. Se tivessem, não ficariam na favela. Para os que querem sair imediatamente a Prefeitura fornece a passagem para voltarem ao Norte ou ao interior, ou fornece o caminhão para fazer a mudança por aqui. O único detalhe é a maioria já ter vindo do Norte ou do interior porque lá não dava para viver, e aqui não ter outro lugar para morar senão a favela. Por isso com muita razão vários favelados dizem: «Os planos da Prefeitura para a favela sempre foram não ter plano nenhum». É hora de dar bastante atenção a um plano bem intencionado como este de moradores da Favela de Vila Flórida!

Vila Barros

Pedestres pedem luz e semáforo

A rua Eugênio Diamante é uma das mais importantes de Vila Barros. Ela parte do Supermercado Nishi e liga o bairro à Av. Otávio Braga de Mesquita. Há determinadas horas em que o movimento de pedestres aí é comparável ao centro de Guarulhos. É a população buscando condução para ir ao serviço ou à escola, ou retornando para casa. Ruas deste tipo deveriam merecer atenção prioritária da Prefeitura. Mas isto não acontece. A rua Eugênio Diamante não tem iluminação pública. Os pedestres à noite têm que ter olho de gato para não pisar no esgoto ou chutar uma pedra. Está na hora de, pelo menos, iluminar esta rua e outras de grande importância que ligam os bairros às grandes avenidas. Outra providência urgente é sinalização na esquina da Eugênio Diamante com a Otávio Braga de Mesquita, pois é praticamente impossível a travessia neste local. A população necessita de ruas iluminadas e de sinalização adequada para que possa transitar com segurança.

Taboão: Festa Junina

A Igreja do Taboão e o Grupo Escolar Paulo Plínio Braga estão promovendo juntos grandes festas juninas. Pipoca, amendoim, bolo de fubá, churrasco, leilão, quentão e bebidas em geral não vão faltar na quermesse que será realizada na Praça 8 de Dezembro, nos dias 10 e 11, 17 e 18 de junho (à noite), Prato cheio para quem gosta de festa junina.



As precárias condições da favela...



...onde só moram trabalhadores e suas famílias.

ANÚNCIOS POPULARES

SAPATARIA MOTTA — O Rei dos Tamancos — Vendemos também sandálias, chinelos, sapatões, botas, bolsas. Fazemos consertos em geral, aceitamos encomendas. Rua Cerqueira César, 27 (quase esquina com Rua D. Pedro II) - Guarulhos.

FEIRA DA ÉPOCA — Fogos para a copa e um encanto colorido para Santo Antonio, São João e São Pedro. Rua D. Pedro II, 19. Fone: 209-5790 - Guarulhos.

O REI DOS PINTOS — Rações, alimentos para pássaros, sementes, vasos, gaiolas, adubos e produtos veterinários. Brevemente mudas de plantas. Os melhores preços da praça. Av. Monteiro Lobato, 209 - Centro - Guarulhos. Fone: 208-5410.

PONTO CHIC — BAR E LANCHES. Servimos pizzas todas as noites, lanches de todos os tipos, refeições comerciais e todo serviço de bar com excelente atendimento. Rua D. Pedro II, 92 - Centro - Guarulhos.

TERRENO, NO TABOÃO — 10x28, à vista 25 mil. Chácara com mil metros, 65 mil à vista. Um terreno 10x25, 60 mil à vista. Tratar na IMOBILIÁRIA SILVIO. Av. Silvestre Pires de Freitas, 119 - Taboão - Guarulhos. Fone: 208-3243.

IMOBILIÁRIA TABOÃO — Compra - Venda de terrenos, áreas, sítios, chácaras, fazendas. Administração. Temos bons negócios. Praça 8 de Dezembro, nº 5 - sala 4 - Taboão - Guarulhos.

SERRALHEIRIA DUARTE, vidros, portas e portões de ferro, portas de armazéns, grades de proteção, barracas de jornais (também consertamos). Endereço: Rua Diamantina, nº 7 - Jardim Santa Inês (perto da Praça 8 de Dezembro) - Taboão - Guarulhos.

ARTIGOS DO NORTE: farinha, polvilho, salgados em geral, carne de sol e jabá, pingas do Norte, bolachas do Norte, artigos de Umbanda — **BAR E MERCEARIA PRINCESA DO NORTE**. Rua D. Pedro II, 356.

Isto lhe interessa

CONDIÇÕES DE TRABALHO

Ao lado da luta por melhores salários e pela diminuição da jornada de trabalho, as condições de segurança e higiene do trabalho tem ocupado lugar de destaque nas reivindicações operárias em todo o mundo. Como resultado destas lutas, surgiram as normas hoje vigentes no Direito, que visam à garantia do trabalhador contra os riscos inerentes à sua atividade profissional.

As normas sobre segurança e medicina do trabalho não se encontram exclusivamente na CLT, mas também nos códigos de obras ou regulamentos sanitários dos Estados e municípios, bem como nas disposições contidas na Constituição Federal, normas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e, principalmente, nas Portarias do Ministério do Trabalho.

NORMAS BÁSICAS DA CLT

Eis algumas normas básicas que a empresa deve respeitar: — a empresa é obrigada a fornecer equipamento de proteção individual. — é obrigatório o exame médico do empregado quando da sua admissão, renovável de 6 em 6 meses nas atividades insalubres, e anualmente, nos demais casos; — toda empresa deve estar equipada com material para primeiros socorros; as edificações industriais devem ter no mínimo 3 metros de pé direito, a iluminação do local de trabalho deve ser adequada e a ventilação natural.

C.I.P.A.

Segundo a CLT, toda empresa com mais de 50 empregados deve obrigatoriamente constituir uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), formada por igual número de representantes dos trabalhadores e da empresa. Aos trabalhadores cabe eleger seus representantes, que adquirem estabilidade provisória durante o mandato. Mas como a lei estabelece que dessa eleição participarão «exclusivamente os empregados interessados», é preciso que os trabalhadores estejam atentos e organizados para garantir que seus representantes na CIPA defendam efetivamente seus interesses — e não os do patrão.

INSALUBRIDADE E PERICULOSIDADE

São insalubres os trabalhos nocivos à saúde do trabalhador. Quem trabalha em condições insalubres tem direito a um adicional de 40%, 20% e 10% do salário mínimo regional, de acordo com o grau de insalubridade. São consideradas atividades perigosas aquelas que impliquem em contato com inflamáveis ou explosivos em condições de riscos acentuados. É assegurado ao empregado, enquadrado neste caso, um adicional de 30% sobre o salário.

Esta coluna está aberta aos leitores. Se você tem alguma dúvida sobre seus direitos, escreva para O REPÓRTER.

O REPÓRTER

de Guarulhos

Leia,
Divulgue
e Anuncie

Trabalhou demais e perdeu a saúde



José Brasil: um operário padrão.

Como resultado da crescente disparidade entre os salários e o custo de vida, o operário brasileiro tem se sujeitado a trabalhar em condições cada vez mais precárias. O REPÓRTER pesquisou em diversas fábricas de Guarulhos, e constatou que a jornada de trabalho de 8 horas, conquistada com muita luta pela classe operária, atualmente só existe como saudosa memória. Hoje, todos são obrigados a trabalhar 10 a 12 horas por dia, inclusive aos sábados, e muitas vezes em locais de trabalho inadequados, insalubres e sem condições mínimas de segurança. Por isto, é cada vez maior, nos últimos anos, o número de trabalhadores afastados de suas atividades por doenças provocadas pelo excesso de trabalho. Eis um exemplo:

«Estou desempregado há mais de um ano, recebendo pela caixa (auxílio doença pelo INPS). Ganho bem menos do que antes, e como meu salário era muito baixo, não dá nem para pagar a alimentação. Quem sustenta a maior parte das despesas agora é a minha mulher». José explica que foi encaminhado para atendimento psiquiátrico pelo INPS após ter feito um exame no Hospital Stela Maris, de Guarulhos. Estranhamos esta informação, pois na conversa com a reportagem José não apresentou nenhum sinal de doença mental. Parece apenas um operário como milhares de outros, vivendo num comodo e cozinha nos fundos de uma casa em Guarulhos. José também não

entende porque está sendo considerado como «louco». O único problema que sente, há muito tempo, são fortes dores no estômago e intestino. Como é que começaram estes problemas? «Comecei a sentir estes problemas há 3 ou 4 anos atrás, quando trabalhava na Microlite», diz ele. «O ambiente lá tinha muita química e gases». «O serviço não era pesado, mas eu tinha que trabalhar 12 horas por dia às vezes durante 30 dias sem descanso, com condições que não dava para aguentar nem 6 horas. Cheguei ao ponto de não aguentar nem comer, de tão mal que me sentia».

José passou a tomar alguns remédios receitados pelo médico da firma e «melhorou 50%». Mas logo voltou a sentir os mesmos sintomas e então pediu sua demissão.

Para «recuperar-se», José passa a trabalhar na construção civil. Mas o salário não dava, e ele voltou a trabalhar em fábricas: trabalha na Stella, passa pela Ind. Metalúrgica Latino-Americana, fica 10 meses na Persico, emprega-se na Jetoflex, sempre fazendo «horas extras» para conseguir o salário necessá-

rio para sustentar a família. Finalmente, quando trabalhava na Ind. Mec. Waldec recorreu novamente ao INPS, que o encaminhou ao Hospital Stela Maris. O diagnóstico médico é «gastrite superficial, duodenite erosiva, provável cicatriz de úlcera duodenal». O tratamento prescrito: «Encaminhar para psiquiatria». Sobre o resultado dos remédios prescritos pelo psiquiatra, José declara: «Estou me sentido muito abatido, não lembro mais direito das coisas». E as dores no estômago e intestino? «Não melhorou nada...». Agora, quando procura novamente o clínico geral do Hospital Stela Maris, José não é mais atendido. Dizem que o problema dele deve ser resolvido pela Psiquiatria, enquanto o psiquiatra diz que ele deve procurar o clínico geral. É claro que José não é louco. Só que ainda pode acabar ficando, se continuarem a brincar desta forma com a saúde dele.

A situação do operário José Alves Brasil e sua família, à a mesma de milhares de trabalhadores brasileiros. Só que José não aguentou. E a classe operária em seu conjunto, aguentará até quando?

Vida Sindical

METALÚRGICOS: Os sindicatos metalúrgicos do Estado de São Paulo, inclusive o de Guarulhos enviaram um memorial às autoridades, solicitando «a declaração, em caráter de emergência, de um AUMENTO SUPLEMENTAR DE SALÁRIO DE 20% a todos os trabalhadores brasileiros, como efetivo aumento, sem qualquer forma de compensação, quer nos dissídios ou acordos coletivos». Sem dúvida, tal iniciativa deve-se primordialmente às lutas operárias surgidas no ABC, onde já

foram conquistadas as primeiras vitórias e que agora começam a se expandir para São Paulo e Osasco. A conquista de um aumento de 20% somente será possível se houver efetiva mobilização de todos os trabalhadores.

CONSTRUÇÃO CIVIL: O sindicato encontra-se em processo de eleições. Além da chapa encabeçada pelo atual presidente, existe uma de oposição, encabeçada pelo atual secretário. É muito importante a participação dos operários

da categoria na discussão de um programa que expresse os reais interesses da classe.

QUÍMICOS: Processos trabalhistas com causa ganha pelos trabalhadores. Os associados abaixo mencionados devem procurar o sindicato: Hideraldo Belini Leme — Plásticos ALKO; José Ribeiro de Souza Renner; Lourival Gaspar de Souza - Solar Produtos Químicos; Maria Zelia Santos da Silva - Jofer; Izaias Mariano dos Santos - GIRARDI; Conceição Aparecida da Silva - Proquímbras.

Cultura ★ Diversões ★ Cultura ★ Diversões ★ Cultura ★ Diversões ★ Cultura

Um dia na vida de um brasileiro

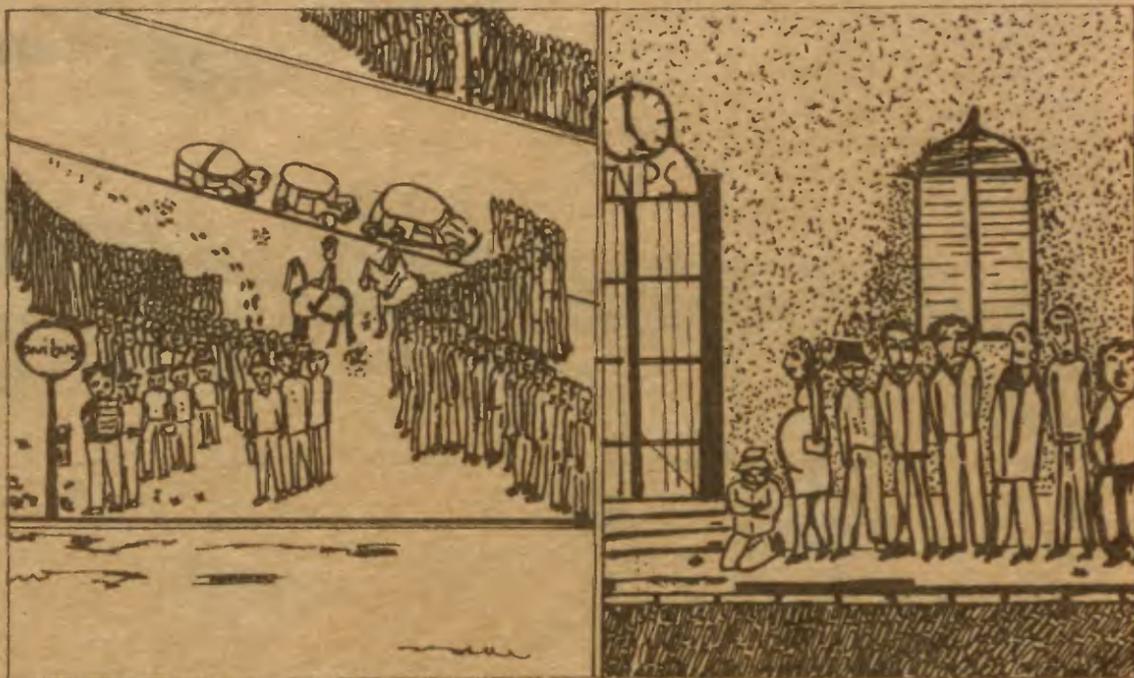
Levantar cedo, enfrentar filas de ônibus, INPS, trabalhar 10 ou 12 horas, enfrentar filas novamente, ônibus cheios, chegar em casa, jantar, assistir televisão, no outro dia e outros e outros, a mesma ladainha. Colocar no palco esta realidade vivida por milhares de trabalhadores foi a preocupação do Grupo de Teatro da Vila Fátima quando apresentou sua peça «Um dia na vida de um brasileiro».

Desde 1974, esse grupo reúne-se para debater a situação cultural nas comunidades de jovens. Se existe música, teatro, cinema, porque o trabalhador tem sempre que assistir a televisão? Por que as classes populares, não podem elas mesmas, criar sua arte? Partindo destas reflexões resolveram realizar um trabalho que servisse para a integração dos trabalhado-

res onde estes pudessem participar identificando sua vida, seu dia-a-dia.

DISCUTIR A REALIDADE

Com esse propósito, realizaram em 1977, um musical com poemas de Thiago de Mello e músicas de Chico Buarque de Holanda e este ano «Um dia na vida de um brasileiro» peça escrita e criada por eles com a participação da comunidade de Vila Fátima e bairros vizinhos. O trabalho serviu para mostrar a necessidade da participação coletiva das pessoas na discussão dos seus problemas. Após a apresentação da peça público e atores dividiam-se em grupos para discutir as situações mostradas na peça, isto é, como vive o trabalhador brasileiro. As opiniões foram as mais diversas, e a participação do público foi grande numa prova de que,



quando se mostra a vida, tal como é, todo mundo compreende e passa a entender melhor o porquê das coisas.

Para o Grupo de Vila Fátima, o teatro deve mostrar a realidade. Deve, também, ser feito e visto por todos.

Isto vai contra o que ocorre normalmente pois só quem tem condições de pagar Cr\$ 80,00 pode ir ao teatro. Sem contar o dinheiro da condução que se paga para ir a São Paulo, onde há maior número de espetáculos. Nem mesmo as temporadas popu-

lares resolvem o problema, pois quem ganha salário mínimo mal pode alimentar-se, quanto mais ir ao teatro.

A idéia de que «o povo não gosta de artes» é falsa. Todos dizem presente, no teatro de Vila Fátima.

Samba quer mais verba

As Escolas de Samba de Guarulhos estão lutando com várias dificuldades para se manterem e se apresentarem como opção de lazer à população guarulhense. Todas elas desejam fazer samba o ano inteiro não só pelo prazer de sambar como também para integrar os moradores dos bairros onde desenvolvem suas atividades. Algumas delas pretendem criar grupos de teatro, conjuntos musicais, promover bailes e shows oferecendo, desta maneira, divertimento para a população, que passará a se encontrar com maior frequência, saindo um pouco da frente da televisão.

Há escolas que pretendem fazer mais que isso. Planejam criar cursos de corte e costura para as mulheres, promover concursos de beleza para escolher as cabochas mais bonitas, e de música, para eleger os melhores instrumentistas, compositores e cantores. Pretendem realizar dias de lazer como parte do programa de dinamização das atividades que estão limitadas ao carnaval.

PROBLEMAS

Como suprir um programa desta natureza se as escolas não dispõem de condições financeiras nem para sair no carnaval? Segundo seus componentes, o maior



Apesar do dinheiro ser curto as escolas vão levando.

problema de todas elas, com exceção da Império, é a falta de sede. Isso impede que elas desenvolvam uma programação mais intensa durante os 365 dias do ano.

Todas são unânimes em afirmar que é necessário encontrar uma saída, para esta situação. Acontece que têm dificuldades que vão desde a falta de local para se reunirem, até a minguada ajuda financeira que recebem só para o carnaval. A união de todas é uma necessidade para a defesa de seus interesses e talvez seja um caminho para encontrar uma solução.

ASSOCIAÇÃO

Recentemente foi criada uma Associação integrada pelas escolas, cujo Conselho Deliberativo é formado com

participantes das escolas. O papel dessa Associação seria, na opinião dos sambistas, o de promover atividades conjuntas, com a participação de todas elas no sentido de divulgá-las junto ao público, com apresentações quinzenais ou mensais e organizar e escolher um júri para o carnaval.

Para eles, há necessidade de pedir verbas maiores à prefeitura para que se faça um carnaval melhor. Apesar do dinheiro curto, as escolas vão levando. Apresentam rodas de samba, desenvolvem atividades como jogos de bilhar, tómbola, participam de inaugurações de obras públicas, campeonatos regionais de futebol etc., divulgando o samba em diversos pontos da cidade.

Informando

Há oito anos vem sendo promovida em Guarulhos uma Temporada de Arte e Cultura apresentando filmes, peças de teatro, sob o patrocínio da Prefeitura. A Temporada é realizada na Biblioteca, cujo estado de conservação não é dos melhores. Este ano a Casa de Cultura Paulo Pontes apresentou uma proposta de incentivo às atividades culturais e de lazer espontânea da população, que através da integração destas atividades com uma criação cultural mais elaborada de subsídios para uma reflexão crítica sobre a situação de empobrecimento cultural em que vivemos. Em carta entregue a Assessor do Prefeito, a Casa de Cultura afirma que: «A TAC só será realmente representativa, se dela participarem todos os grupos e movimentos culturais que se disponham a romper com o marasmo existente» deixando clara a necessidade da participação direta dos grupos na organização e elaboração da TAC, e que as atividades sejam levadas para os bairros populares, para que se quebre o caráter fechado que vem mantendo até hoje.

...

Quem ligar o rádio, aos sábados, das 16:30 às 18:30 horas, na Rádio Boa Nova de Guarulhos, vai ouvir músicas sertaneja feita por artistas guarulhenses. O programa é uma iniciativa da AGAS — Associação Guarulhense dos Artistas Sertanejos — que alugou o horário para divulgar a música dos seus associados. Desde sua formação (25.11.77) a Associação vem promovendo shows, rodas de viola, catiras apresentando seus violeiros ao público guarulhense. O diretor da Associação, sr. Manoel Rezende, a coloca à disposição dos interessados em «manter viva a música do nosso povo». A sede da AGAS é na Av. Suplicy, 133 no Jardim Santa Nena.

ORGANIZAÇÃO COMERCIAL REYNALDO
LICENCIAMENTO DE VEÍCULOS
PLASTIFICAÇÃO
ADVOCACIA

Av. Otávio Braga de Mesquita, nº 1.302 - A
Tel.: 208-2952

Vila Barros — Guarulhos

COLUNÃO

Conselheiros querem dinheiro da molecada

Chocante e lamentável é a situação em que se encontra o time da garotada do Parque Cecap, que não tem mais campo para jogar por culpa do Conselho Comunitário do próprio parque. Os membros do Conselho, ambiciosos e desumanos, resolveram não mais ceder o campo para treinamento do time «dente de leite» do Parque Cecap e ainda cobrar um aluguel de Cr\$ 250,00 por jogo. Um absurdo! Os conselheiros aplicaram o golpe justamente no momento em que os meninos, com média de idade entre 11 e 14 anos, estavam mais eufóricos do que nunca, invencíveis há 17 jogos.

Talvez as pessoas do Conselho Comunitário tenham ficado com inveja do sucesso alcançado pelos meninos, que recentemente até foram homenageados pelo vice-prefeito de Guarulhos, que os presenteou com um jogo completo de uniforme e uma placa de prata.

Proibições como esta aplicada pelo Conselho Comunitário é que acabam com o pouco que existe de prática esportiva em nossa cidade.

Também no Jardim Testai, por causa da falta de campo, quatro times tiveram que assinar seus atestados de óbito. Acabaram. Fecharam suas portas. É que o único campo que existia naquele local virou loteamento. Não se pensou no lazer, no esporte. O terreno foi dividido para a venda. Como a propriedade era particular, ninguém pôde interferir. A Prefeitura Municipal é que deveria tomar uma atitude, providenciar uma nova área para prática de futebol, tanto no Jardim Testai, como em outros de Guarulhos.

Os dirigentes dos 3 times de adultos, um juvenil e um infantil, chegaram a se reunir com o prefeito Néfi Tales e este prometeu, há três meses, um campo. Mas como de hábito, o prefeito não cumpriu sua palavra. E dos cinco times, o único que continua lutando é o dos Onze Primos, que para jogar tem que pagar alto aluguel no campo do E.C. América, do Jardim Santa Cecília.

Demorou mais do que o Campeonato Paulista para o Corinthians, mas finalmente a Flor da Palmeira tem sede social. Depois de 24 anos de árdua peleja, o pessoal do Flor da Palmeira pôde dar a festa de inauguração de sua sede social, no dia 28 do mês passado, apesar de todo o corre-corre na última hora. Cumprimentamos a Flor da Palmeira e esperamos que sua luta — que é a de todos os clubes amadores — a luta por condições para praticar o esporte e manter vivo o futebol amador, não continue sendo uma luta de pai para filho, como foi a desse simpático clube.

O «Estrela» do Jardim Teresópolis vai promover festas juninas dias 16, 17 e 18, no bosque do Jardim Rosa de França, juntamente com a Casa de Cultura Paulo Pontes. As gincanas e eventos culturais promovidos pelo «Estrela» de a Casa de Cultura têm o objetivo de incentivar a integração entre os moradores dos bairros



O futebol de várzea acaba sendo a única opção de lazer no fim-de-semana dos trabalhadores.

Sempre alegre na sua prática, nos gritos de gol, na arte e na ginga, o futebol varzeano da cidade está vivendo sua época de tristezas e decepções, abandonado e sem o apoio dos órgãos competentes. Enquanto isso, os poucos campos existentes vão desaparecendo

O REPÓRTER



esportivo

ANO II Nº 5 — Junho de 1978

Preço: Cr\$ 2,00

O futebol de várzea de Guarulhos sofre

«Futebol é a vida desse povo daqui. Guarulhos tem 110 clubes de várzea e muitos clubes de São Paulo ainda vem jogar aqui. Por isso, os poucos campos existentes ficam congestionados. Infelizmente, a cada dia os campos vão desaparecendo, cedendo lugar a loteamentos. E a gente nada pode fazer uma vez que são terrenos particulares,

cedidos temporariamente, outros de grêmios de indústria e outros até em áreas da Prefeitura».

Essa é a imagem que o presidente da União dos Esportistas, Orlando Ramos, faz do futebol de várzea de Guarulhos. Um futebol alegre na sua prática, nos gritos de gol dos domingos de sol, um futebol que reúne centenas e centenas de trabalhado-

res nas folgas dos fins de semana. Mas um futebol que não pode ser jogado em épocas de chuva, porque os campos viram um verdadeiro lodaçal; um futebol que poderá ter sua alegria substituída pela tristeza da falta de campos para sua prática, para o malabarismo, as gingadas, os dribles, a arte dos seus praticantes.

O presidente da Liga Guarulhense de Futebol, Antonio Soares, apoia a posição da União dos Esportistas, entidade que começou suas atividades em janeiro último e reúne quase 150 clubes de vár-

zea. Mas a Liga não pode dar ajuda financeira, formar campo ou qualquer outro tipo de apoio à várzea, pois a entidade também anda mal. Resta a Prefeitura Municipal, mas o prefeito e seus assessores parecem detestar os futebolistas.

A Prefeitura não ajuda o futebol de várzea, porém, só com os jogos Regionais — competição entre cidades do interior — vai gastar Cr\$ 800.000,00, uma fábula. Tudo para dar festa para as outras cidades, durante uma semana, em Guarulhos, no próximo mês.

DR. JOSÉ HUMBERTO COSTA

CIRURGIÃO DENTISTA

Av. Silvestre Pires de Freitas, 111
(Perto da Praça 8 de Dezembro)

Taboão — Guarulhos

SÉRGIO ADMINISTRAÇÃO PREDIAL

Inscr. Municipal 013 691-31
Compra e Venda de Imóveis

ALUGAMOS SEU IMÓVEL COM GARANTIA

Departamento Jurídico Próprio
Av. Octávio Braga de Mesquita, nº 222
Taboão — Guarulhos
Perto da Praça 8 de Dezembro

GRÁFICA LIMA

DE

APARECIDO LIMA

IMPRESSOS EM GERAL

RUA DO ROSÁRIO Nº 468

MACEDO — GUARULHOS